

PAKAANOVAS

OS

ANTROPOFAGOS

DA

AMAZÔNIA



A ESTE sertanista, Fernando Cruz, cabe o mérito da pacificação das tribos Pakaanovas. Como chefe da "Expedição Mafra", organizada pelo governo de Rondônia, levou a paz aos indígenas e construiu postos agrícolas para o SPI.



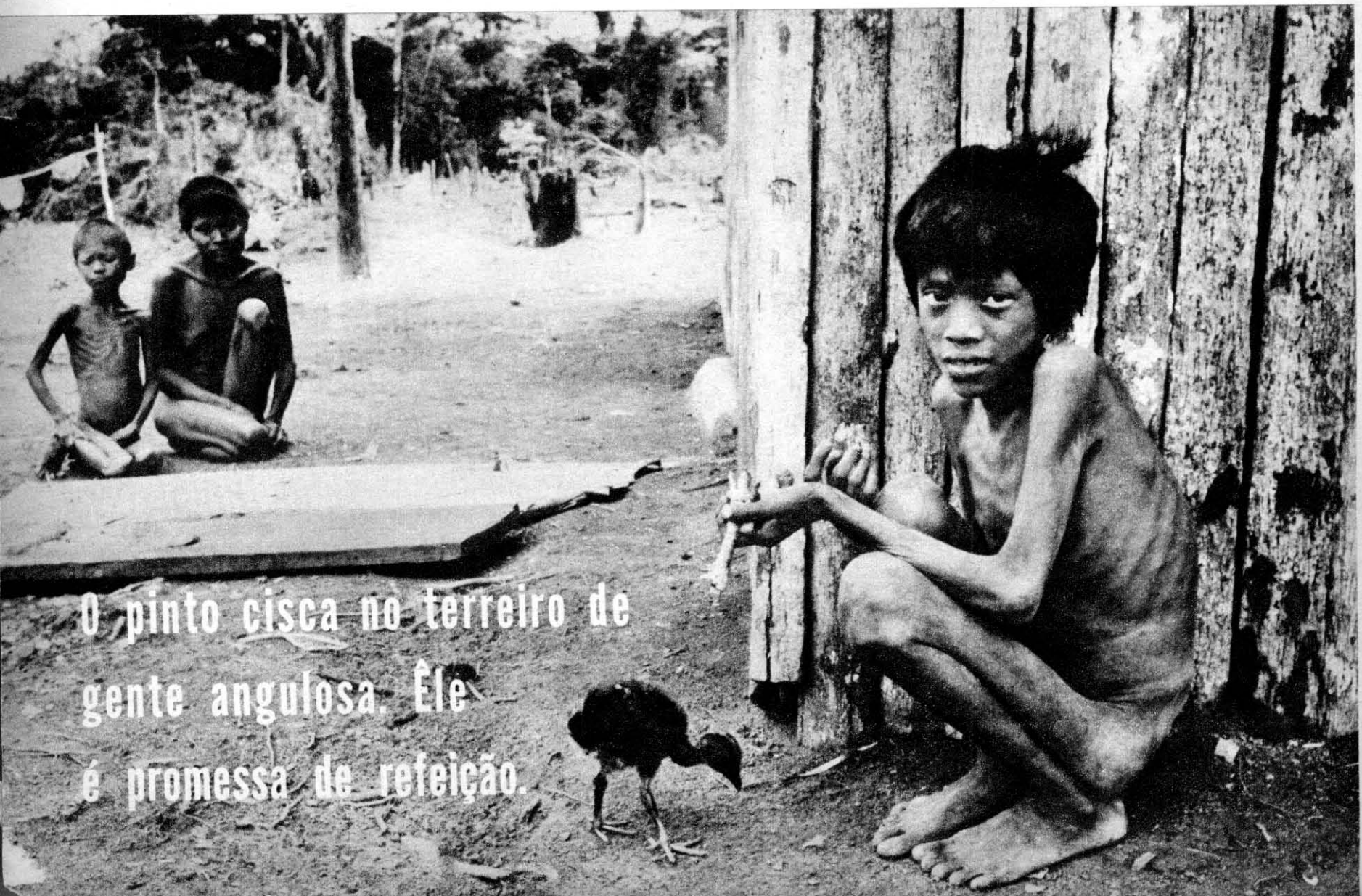
BERNARDINO DE CARVALHO e HENRY BALLOT foram às selvas da Rondônia com o diretor do SPI. O objetivo era comprovar a antropofagia entre os Pakaanovas. E isso aconteceu. Agora, já oficialmente — como revela esta reportagem — está autenticada a documentação fotográfica do sertanista Fernando Cruz e confiada a "O Cruzeiro".



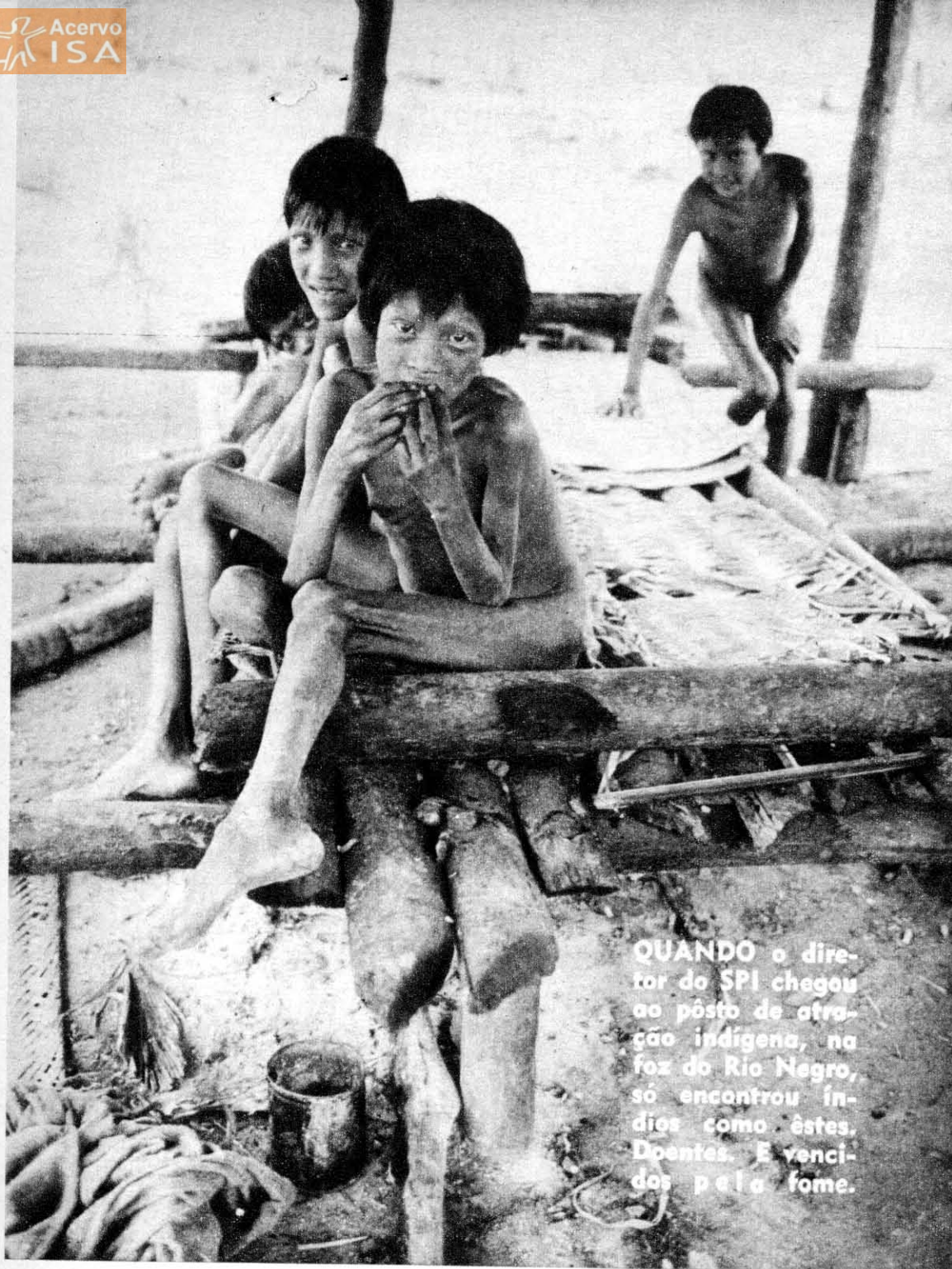
MAGREZA DE OLHOS PARADOS

Pacificada, mas ainda sem as outras vantagens da civilização, essa índia põe a nu a triste condição em que se encontram os Pakaanovas. Precisam de assistência permanente.

PRIMEIRA etapa da "Expedição SPI-O CRUZEIRO": barreira do Posto Indígena Tanajura, à margem esquerda do rio Pacos Novos. Pernoite em rãde.



O pinto cisca no terreiro de gente angulosa. Ele é promessa de refeição.



QUANDO o diretor do SPI chegou ao posto de atração indígena, na foz do Rio Negro, só encontrou índios como estes. Doentes. E vencidos pela fome.

Selada a paz entre brancos e índios de Rondônia

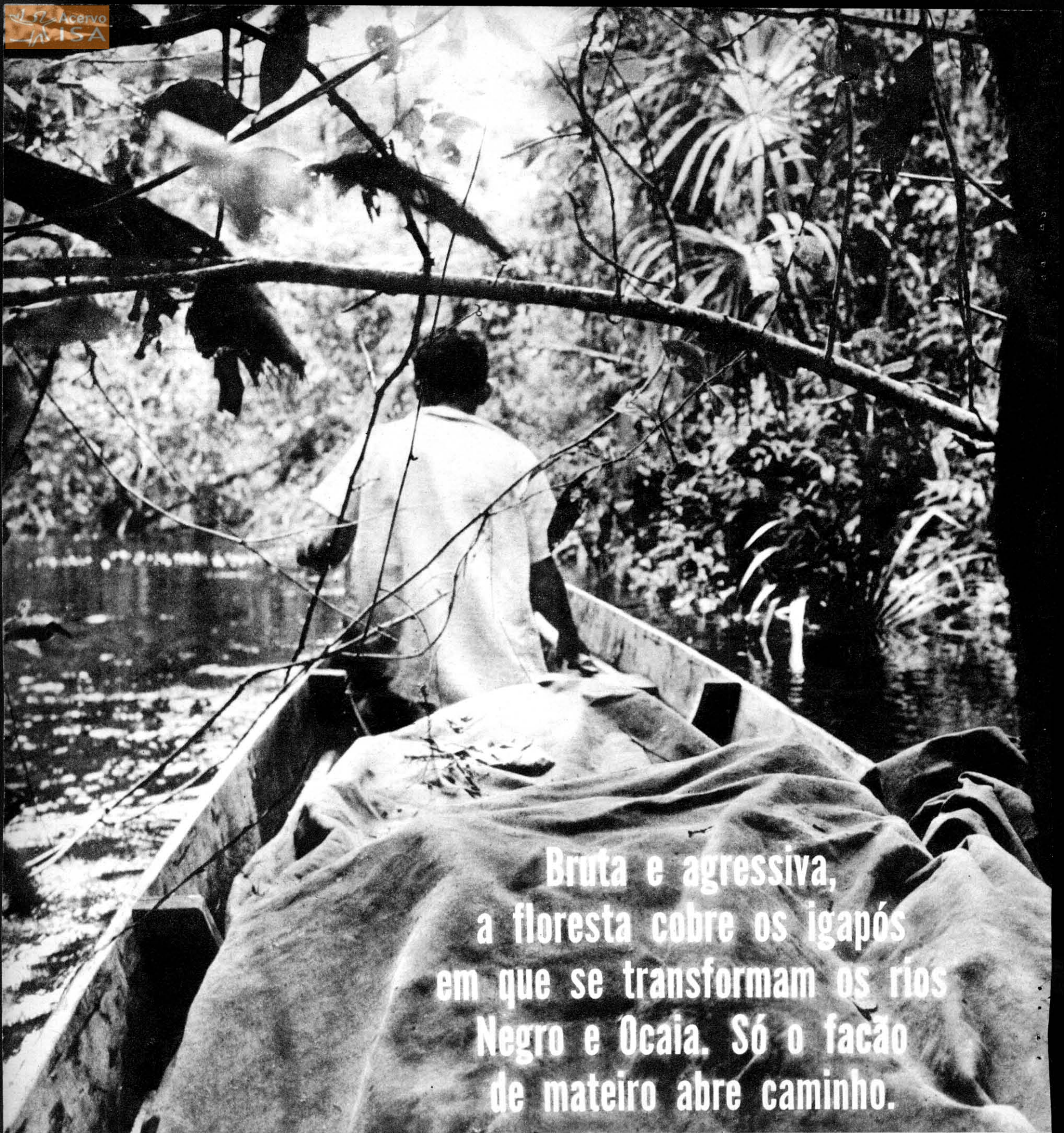
NAS andanças de Rondônia pelas selvas e barrancos do Guaporé-Mamoré surgiram, para nós, os primeiros traços dos Pakaanovas. O velho boloro de sangue quente deu-lhes o nome do rio por ele também batizado quando, à frente de tropa, penetrou no noroeste mato-grossense, cruzou a Serra dos Parecis e atingiu as águas de fronteira com a Bolívia. Pakaanovas era o nome geral para aquelas tribos não pacificadas da região. E que hoje ainda guardam uma triste característica: a antropofagia.

Antes, havia apenas trechos de memórias, meia dúzia de histórias de aventureiros que subiram o Madeira e vagaram por seus afluentes. O que se dizia — verdade ou lenda — chegou a amedrontar, no princípio do século, os pioneiros da ferrovia Pôrto Velho — Guajará-Mirim. A partir daí, os índios da região passaram a ser temidos. Ninguém se atrevia a pisar em terra de suas aldeias.

E quando ousados seringueiros ou castanheiros chegavam, perdidos, ao território indígena, não voltavam para contar a história. Mesmo com a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, marcando com seus dormentes e trilhos as linhas da civilização, os índios nunca deixaram de opor-se aos brancos. Cada vez mais acuados em seu habitat, defendiam-se com arco e flecha, lutando contra a invasão branca.

Essa guerra intermitente chegou até os primeiros meses do ano de 1961, quando o então Governador de Rondônia, Tenente-Coronel Alvarenga Mafra, decidiu executar um plano de paz. E a expedição teve êxito.





**Bruta e agressiva,
a floresta cobre os igapós
em que se transformam os rios
Negro e Ocaia. Só o facão
de mateiro abre caminho.**

SEGUINDO o mesmo roteiro fluvial da "Expedição Mafra", as ubás de "O Cruzeiro" e do SPI penetraram por igapós e igarapés. A cada instante, era necessário vencer obstáculos nas matas alagadas. Chegava a ser monótono. Em três dias, saindo de Guajará-Mirim, a expedição atingiu o ponto final: o pôsto indígena, construído há poucos meses por Fernando Cruz. Lá, índios doentes, famintos, abandonados — pobres donos de um império.



O diretor do SPI espantou-se com a miséria dos índios Pakaanovas e afirmou: "Prefiro demitir-me se não puder dar-lhes a assistência de que precisam!" Ele vira tôda a tragédia do abandono em que vivem aquêles indígenas.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE DO PRESIDENTE

(Declarações de Jango)

Brasília, 7 de fevereiro de 1962.

Instrumento poderoso da educação do povo brasileiro, a Revista "O Cruzeiro" deu ao caso dos índios Pakaas-Novos um tratamento à altura da sua tradição de equilíbrio e bom gosto, fugindo ao sensacionalismo e se atendo aos aspectos científicos e sociais da vida do selvagem brasileiro.

Minhas felicitações aos bravos reporteres de "O Cruzeiro".

O PRESIDENTE da República enviou a "O Cruzeiro" esta honrosa declaração sobre a nossa conduta jornalística no caso dos índios Pakaanovas. Desde o início, quando reunimos vários sertanistas e antropólogos, situamo-nos dentro da ética.



ÉRAMOS oito homens a navegar rio acima, em busca das aldeias dos Pakaanovas. Na ubá de vanguarda, seguiam o Diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Tenente-Coronel Moacir Ribeiro Coelho, o Inspetor regional de Rondônia, Alberico Soares Pereira, o Missionário texano Thomas Moreno no motor de pópa e o bugre urundão Rureintambdém como guia de proa. Na de trás, pelo funil da esteira de espumas e banheiros, íamos nós, de "O Cruzeiro", o caboclo proeiro José Dias e o Missionário Abraham Koop, canadense hábil no manejo do veloz Evinrude de 20 HP.

A manhã brumosa de 28 de janeiro anunciava um dia de chuvas, igual ou pior que o da véspera, quando deixamos o pôrto de Guajará-Mirim sob nuvens pesadas. Chovera torrencialmente durante a madrugada, enquanto pernoitávamos em rêde no Pôsto Tanajura, instalado num barranco do rio Pacas Novos, defronte da foz do Ouro Prêto, a menos de meio caminho dos igapós dos rios Negro e Ocaia. Tínhamos de passar além das matas inundadas, até o último pôsto de atração indígena construído por ordem de Fernando Cruz, em julho de 1961, para servir de base à "operação de paz" que se propusera efetivar. Iriamos verificar *in loco* como se processara a pacificação indígena das tribos Urundão, Uruát, Uruel, Urubóin e Ururan, o estado em que se encontravam essas tribos depois da retirada dos membros da Expedição Mafra (novembro de 1961), e, se, de fato, os índios praticavam ou não antropofagia. Este, aliás, era o item principal do propósito do diretor do SPI, pois duvidara êle da autenticidade da documentação fotográfica obtida por Fernando Cruz, hoje em poder de "O Cruzeiro". Não podia acreditar que, em pleno século XX, selvagens comessem carne humana. Por isso, decidiu examinar os fatos pessoalmente.

Primeiros depoimentos

Ainda em Guajará-Mirim, enquanto nos esperava para acompanhá-lo ao Ocaia, o Tenente-Coronel Moacir Ribeiro Coelho começou a ouvir depoimentos dos oficiais da 6.ª Companhia de Fronteiras. Ouviu missionários que, em 1956, entraram em contato com alguns Pakaanovas dos rios Negro e Ouro Prêto. Ouviu seringalistas, seringueiros, populares, funcionários do SPI. O depoimento do sacerdote adventista da "Mission New Tribes", Abraham Koop, impressionou-o profundamente. Koop confirmara cenas de antropofagia assistidas por êle numa aldeia do Rio Laje. O próprio Inspetor Alberico Pereira deu testemunho dos fatos.

— Não duvido mais que os Pakaanovas comam gente, mas vamos até ao Ocaia para confirmar de uma vez por tôdas — disse o diretor do SPI logo que a êle nos apresentamos para a expedição.

Não bastassem os testemunhos colhidos em Guajará-Mirim, os servidores do SPI no

Pôsto Tanajura confirmariam a antropofagia dos Pakaanovas. A própria esposa do Sr. Alfredo José de Oliveira, chefe do pôsto, perdera um irmão, morto e comido pelos índios. Pakaanovas mataram-no a flechadas, deceparam-lhe as pernas acima dos fêmures, moquearam as partes carnosas e comeram — deixando o tronco, cabeça e braços numa picada de seringueiros. Índios pacificados residentes no mesmo pôsto informaram, com outros casos, os depoimentos que o diretor do SPI anotava e continuaria a anotar dali em diante.

Chuvas intermitentes encharcavam-nos nas ubás. Prosseguíamos ainda por águas do rio Pacas Novos, navegando rente às margens, roçando espessa vegetação de ingaranas e matupás. Passava do meio-dia quando apartamos no barranco de Bela Vista, última "colocação" de seringueiros à entrada do rio Negro. Ali também se demorara um pouco, em maio do ano passado, a flotilha da Expedição Mafra. Pernoitamos ali.

Enfrentando os igapós

Partimos de madrugada e, minutos depois, entramos naquele afluente do Pacas Novos. Começaram as dificuldades: o rio derramava-se pela floresta, formando imenso igapó, obrigando-nos a navegar sinuosamente por entre troncos de árvores meio afundadas na água. Desimpedíamos o curso decepando cipós e galhos, dos quais caíam, sobre nossas cabeças, aranhas, formigas e nuvens de insetos. Agachados ou deitados nas ubás, esforçávamo-nos por ir à frente, passando por cima e por baixo de árvores caídas, e volteando para cá e para lá. Quando os facões se tornavam inúteis, usávamos machado para "abrir" caminho. Das copas mais altas, araras e macacos nos saudavam estrepitosamente. E ainda não chegáramos ao pior — o rio Ocaia, de igapós mais fechados e perigosos. "Mas, pensávamos, se as ubás de Fernando Cruz passaram por ali, as nossas teriam de passar também."

Depois de quatro horas dentro do medonho igapó, chegamos ao curso limpo do rio, e, logo depois, ao primeiro pôsto da expedição pioneira. Ali estariam algumas famílias indígenas pacificadas, aos cuidados de Antônio Costa, servidor do SPI, experiente mateiro e intérprete dos Pakaanovas. Encontráramos, também, gente estranha: membros de uma Comissão de Recolhimento do Acervo da Expedição Mafra.

Surpreendeu-se o Tenente-Coronel Moacir Ribeiro com a presença dêles ali, inventariando restos de painéis, machados, cobertores, espingardas e remédios. O Comissário de Polícia Clydne da Encarnação apresentou-se como chefe da Comissão e entregou ao diretor do SPI a Portaria n.º 1, do Prefeito de Guajará-Mirim, Mário Nonato da Costa, nomeando-o, e aos demais, para aquela incumbência. Os outros eram Mário Peixe de Souza, Tomé Alves de Sousa, Pedro Assad Azzi e Padre Roberto Arruda, da Prelazia de Guajará-Mirim, na função de assistente.

Guajará-Mirim, Rio, 19 de fevereiro de 1962.

Do Ten Cel MOACIR RIBEIRO COELHO, Diretor do S P I
Ao Ilmo Sr Dr LEMO GONDIM DE OLIVEIRA, Diretor de
"O CRUZEIRO".

Promoção patriótica:

Semanas atrás, na Redação de "O CRUZEIRO", uma assembleia de antropólogos e de jornalistas debateu a autenticidade do documentário fotográfico apresentado pelo repórter Bernardino de Carvalho e o qual, colhido nas selvas de Rondônia, seria publicado nessa Revista como prova de canibalismo.

Na oportunidade, e como Diretor do SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS Índios, embora reconhecendo a realidade fotográfica manifestei-me profundamente apreensivo ante a possibilidade de que tais fotografias fossem dadas a ser publicadas, dada a cruzada cega que a nossa sensibilidade repete e que, em meu modo de pensar, poderia causar um impacto desfavorável na opinião pública, tanto no interior como fora de nossas fronteiras.

Por outro lado manifestei igualmente a recusa de que, duas fêmeas índias viessem a ser notoriamente acusadas de antropófagos, pudesse o fato desencadear apreensões à família indígena, já tão ameaçada por igliões de aventureiros que devastam as selvas.

Sensível a estas considerações, V Sa suspendeu a publicação da reportagem em apreço, até que o Serviço de Proteção aos Índios pudesse melhor esclarecer o assunto.

No desempenho desse compromisso organizei uma expedição ao "habitat" dos Pacaás-Novos, de que participaram além dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, apenas os repórteres Bernardino de Carvalho e Henry Ballot, de uma empresa jornalística.

Inicialmente, e a bem da verdade, deve dizer a V.Sa. que concluí através de depoimentos inusitados ser a necrofagia praticada correntemente entre as várias tribos que compõem a nação dos Pacaás-Novos.

Tal usança constitui, provavelmente, reminiscências já deturpadas de antigos rituais religiosos.

Não sirva esta afirmação, porém, para que se apresentem aos Pacaás-Novos características de ferocidade. Muito pelo contrário são criaturas dóceis, inteligentes, extremamente afetuosas e tão delicadas que, desde os primeiros contatos com a civilização não só abando-

- Continua ...

- 2 -

nam a necrofagia como passam a envergonhar-se dela.

Reconheço como autêntico, portanto, o documentário fotográfico de que "O CRUZEIRO" se possuiu, mas renovo, ainda com maior veemência, o meu apelo no sentido de que ele não seja dado à publicidade.

Espero ter proporcionado a "O CRUZEIRO", como compensação por querer privá-lo deste autêntico "furo" jornalístico, a verdadeira e completa história da pacificação dos Pacaás-Novos, história triste mas profundamente humana que a primorosa técnica jornalística de Bernardino e de Henry Ballot saberão, por certo, transformar em reportagens valiosas e fascinantes.

Apresentar-lhe este apelo, Sr Diretor, tenho o pensamento voltado não apenas para os Pacaás-Novos a cujos descontentes, que serão civilizados como nós, quero poupar a pecha de antropófagos, mas também ao covado em toda essa valerosa antirra de gente varrelha - generosa matriz da Nacionalidade - e a que nós, os civilizados, tão pouco temos procurado amar, compreender e amparar.

Considere V. Sa. no exato momento em que os Pacaás-Novos se integram na civilização, será justo apontá-los à Humanidade (que não os poderia entender) como bárbaros e repletos de deveres de redenção!

Nos próprios sermões muito mais bárbaros, se assim procedo - sempre!

Colinas belas e fascinantes, dolorosas e tristes, terão a dizer sobre eles e Bernardino e o Henry Ballot, testemunhas que foram de martírio tendo que está custando aos Pacaás-Novos o direito de ingressarem na civilização!

Tecendo óus que as ambições, incompreensões e sequências divergentes de civilizações, fazem recair sobre os nossos infelizes e desassistidos irmãos das selvas.

Mais um não as histórias e as advertências que, em benefício da causa do Índio, espera ver nas páginas de "O CRUZEIRO" o patriótico e admirador.

MOACIR RIBEIRO COELHO
Ten Cel Dir do SPI

Neste documento, o diretor do SPI confirma a antropofagia e reitera apelo a "O Cruzeiro".

Recolhimento de que e por quê? Custeada pela SPVEA, a Expedição Maфра não tinha débitos a saldar. A Comissão de Compras nomeada pelo Governador de Rondônia, Ten.-Cel. Alvarenga Maфра — constituída pelo Prefeito Mário Nonato, Capitão Gazineu, comandante da 6.ª Companhia de Fronteiras, Armando Elage, comerciante, e Bispo Xavier Rey nada tinha a dever a qualquer fornecedor. O Sr. Clydne da Encarnação explicou que faltavam 156 mil cruzeiros para completar o pagamento das despesas feitas. Por isso se fazia necessário o recolhimento de troços para devolução aos fornecedores: uma maneira de ressarcir as dívidas.

— Sendo assim, se faltam somente 156 mil cruzeiros, responsabilizo-me pela conta. O SPI compra tudo isso que resta e paga aos fornecedores — ponderou o Tenente-Coronel Moacir Ribeiro Coelho.

O caso, porém, não era bem êsse. A história da Expedição Maфра ganhara, sem que o diretor do SPI o soubesse, turvos episódios criados por maledicências. Quem, em Guajará-Mirim, estaria interessado em fazer crer, publicamente, na desorganização e fracasso da expedição pacificadora dos Pakaanovas?

Uma acalorada discussão com o Padre Roberto Arruda esclareceu um pouco a situação.

Os cobertores e panelas inventariadas pela Comissão de Recolhimento pertenciam ao rol do fornecimento feito pelo Bispo D. Xavier Rey, e teriam de ser devolvidos. A Prelazia era credora da Expedição Maфра e cobrara, inclusive, da Comissão de Compras, hospedagem e alimentação de índios.

Informara-se o diretor do SPI que os comerciantes de Guajará-Mirim haviam concordado em receber suas contas, menos 5 %, pois a verba da SPVEA não chegava para o total. Mas, depois, em face de protestos de alguns descontentes, fizeram pé firme em receber até o último centavo. Falava-se, ademais, de outros "casos". A renúncia do Governador Maфра, resultante da renúncia do Presidente Jânio Quadros, deixou a expedição, que se encontrava em ação nos rios Negro e Ocaia, sem a menor garantia, e o novo governador não levou avante os propósitos do renunciante. Por sua vez, a Inspeção Regional do SPI não moveu uma palha para garantir a continuidade da pacificação e a assistência conseqüente.

Josias confirma tudo

Em face de tais acontecimentos, a Expedição Maфра teve de lutar contra descréditos para continuar na selva. Mas não pôde vencer as dificuldades. De Brasília e de Pôrto Velho expediram-se ordens que afastavam Fernando Cruz da chefia. Fernando, enfêrmo de malária e beribéri, não tinha condições para o regresso a Guajará-Mirim. Deitado numa rêde, sofrendo os castigos da mata, recebeu o seu substituto com lágrimas nos olhos. "Afastam-me por que, Josias? Os índios, devido aos contatos conosco, estão gripados, alguns com pneumonia. Muitos vão morrer por falta de assistência. Vão culpar-me por isso, Josias..." Josias Batista de Oliveira ouviu tudo calado. Não havia pretendido êle ser o substituto do amigo.

Os protestos de Fernando Cruz perderam-se na mata povoada de indígenas carentes de assistência médica e alimentar. Sabia êle, como funcionário do SPI pôsto à disposição do Território de Rondônia, a pedido do Governador Maфра, que estava abandonado e que seus apelos, em favor dos índios que lhe custara tanto pacificar, não seriam atendidos. Doente, alquebrado, febril, restavam-lhe fôrças, porém, para lutar contra a forte maré de maldades que se avolumava em Pôrto Velho e Guajará-Mirim.

No mesmo dia da chegada de Josias, uma criança índia, enfêrma de disenteria, morria e um grupo de índios fazia côro de lamentos. Josias entendeu tudo. Sabia que os Pakaanovas eram antropófagos e que, se a menina morresse, êles iriam comê-la. Ao meio-dia uma voz cava destacou-se no côro:

— Pipini! Pipini! Pié utá!

A criança acabava de morrer. O velho pai levantou-se, ergueu os braços aos céus e falou: "Tchutá uari! Mona kankão nariná pié pipini!"

Josias espantou-se:

— Fernando! Êles vão comer a criança!

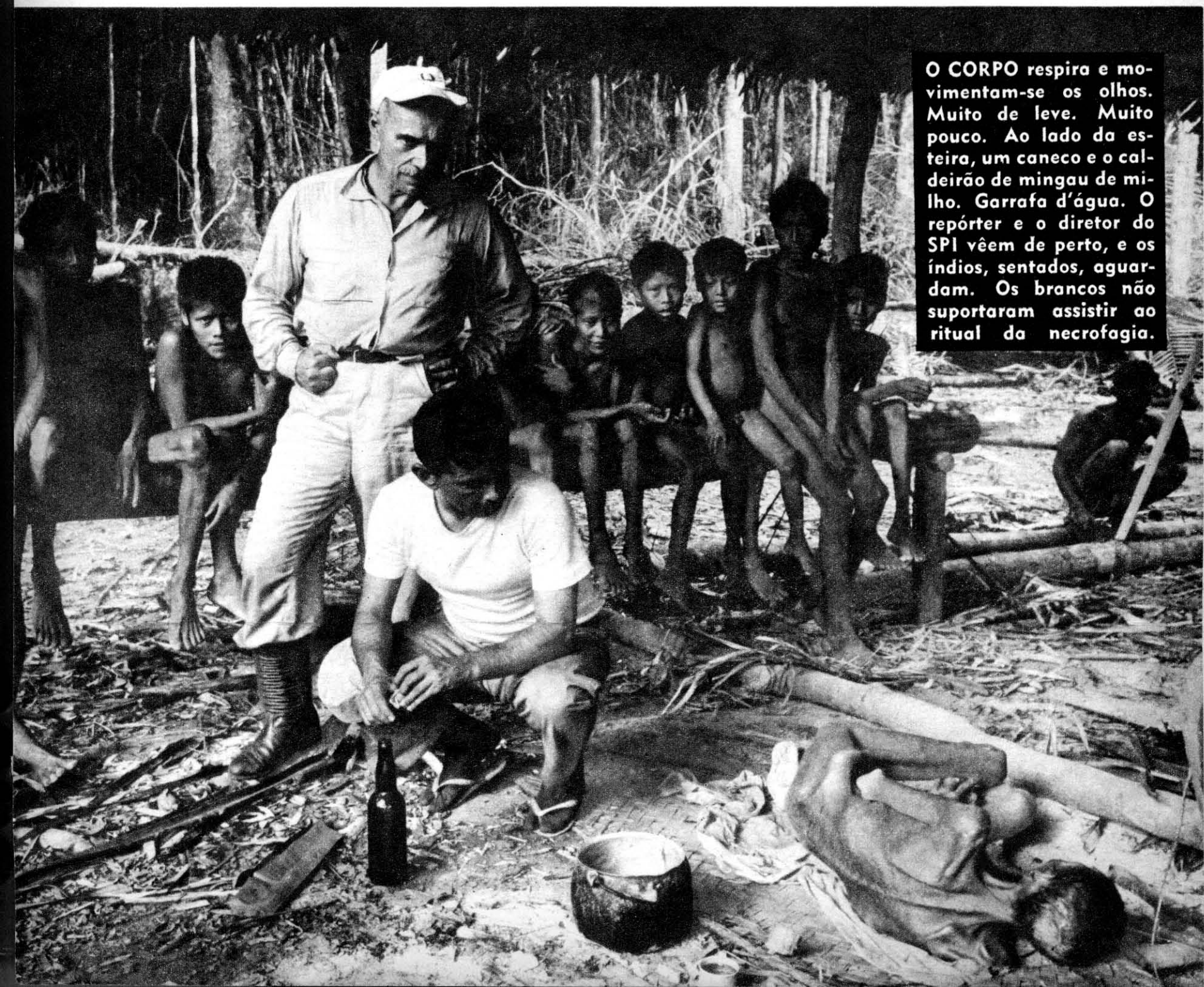
E comeram. Fernando Cruz arrastou-se da rêde com duas máquinas fotográficas e documentou o ato de antropofagia. Em todos os seus momentos.

Objetivo: a verdade

Demoramo-nos pouco tempo no pôsto da foz do Rio Negro. Logo depois do atrito entre o diretor do SPI e o Padre Roberto Arruda, seguimos adiante, no rumo do Ocaia. Levava o Tenente-Coronel Moacir Ribeiro Coelho a pior impressão sôbre o estado dos índios recém-pacificados, todos magros, esqueléticos, famintos, doentes. Três meses decorridos da interrupção dos trabalhos da Expedição Maфра, não poderiam ser outras as condições de miséria. Mas a quem culpar? O ex-diretor do SPI, o Coronel Tasso Aquino? O governo de Rondônia? A Prelazia de Guajará-Mirim? Triste e aborrecido, o militar jurava a todo instante que "as responsabilidades seriam apuradas".

Foi difícilima e amedrontadora a passagem pelo igapó do Ocaia, mas chegamos a salvo no barranco que dava acesso ao último pôsto da Expedição Maфра. Lá encontramos morrendo uma velha índia, só esqueleto, pele e ôsso, e uns quinze índios, adultos e crianças em miseráveis condições de vida. O diretor chorou de desgosto ao vê-los assim, famintos e doentes — e não quis demorar-se, além do pernoite, para não ter que assistir a necrofagia que os índios iriam cometer. Não suportaria êle ver pungentes cenas necrofágicas, tão comuns entre os Pakaanovas. Bastava-lhe ter visto em "O Cruzeiro" as fotografias que julgara forjadas, e que, já então, reconhecia como autênticas.

Era nosso propósito publicá-las para conhecimento público. Todavia, "O Cruzeiro" recebeu apelos de cientistas e de autoridades para não divulgar as chocantes cenas de antropofagia. Por isso, não vamos fazê-lo nas páginas desta Revista. Mas tôdas as seqüências ilustrarão um livro a ser brevemente editado pela Empresa Gráfica O CRUZEIRO S.A.



O CORPO respira e movimentam-se os olhos. Muito de leve. Muito pouco. Ao lado da esteira, um caneco e o caldeirão de mingau de milho. Garrafa d'água. O repórter e o diretor do SPI vêem de perto, e os índios, sentados, aguardam. Os brancos não suportaram assistir ao ritual da necrofagia.

**Olhar triste
é uma constante.
A velha índia está
na véspera do fim. E,
entre as tribos dos
Pakaanovas, a morte
não admite entêrro.**

